

## CAPÍTULO VI

## A ERA DO CONSUMO EM MASSA

*As Três Alternativas*

O CAPÍTULO V sustenta que, à medida que se aproximava a maturidade tecnológica, os homens começavam a considerar natural tudo aquilo que encontravam ao nascer, ou seja, nesse caso, uma sociedade industrial bem adiantada, e em seu espírito cada vez mais procuraram reconsiderar os fins a que poderiam devotar essa economia amadurecida.

Num sentido bastante técnico, a balança da atenção da sociedade, quando foi-se acercando e depois ultrapassou a maturidade, pendeu da oferta para a procura, dos problemas de produção para os de consumo e para os do bem-estar, na mais ampla acepção.

Nesta fase pós-maturidade, são três os objetivos principais que, até certo ponto, têm disputado os recursos e o apoio político; três direções em que o bem-estar, nesta acepção lata, pode ser ampliado.

Primeiramente, a busca nacional de poderio e influência no exterior, isto é, a atribuição de recursos cada vez maiores à política militar e externa. Tem sido um aspecto assaz constante da História moderna o de certos grupos procurar fora de suas fronteiras novos mundos a conquistar, à proporção que suas respectivas sociedades se vão avizinhandando da maturidade técnica. E em alguns casos, por um ou outro meio, lograram o comando político efetivo da direção de suas pátrias.

Uma segunda direção para a utilização dos recursos de uma economia amadurecida é o que podemos denominar de Estado do Bem-Estar. Quer isso dizer, o emprego dos poderes do Esta-

do, inclusive o de redistribuir a renda por meio de impostos progressivos, para alcançar objetivos humanos e sociais (abrangendo, nisso, o lazer crescente) que o processo do mercado livre, em sua forma menos adulterada, não conseguiu. Durante o arranço e a marcha para a maturidade, os elementos do que Lionel Robbins chama o credo individualista utilitário que não levaram à maximização do volume da produção foram, relativamente, suprimidos, variando o grau desta supressão de uma sociedade para outra. Ao aproximar-se a maturidade, esses objetivos mais humanos foram-se afirmando com dobrada força. Os homens estavam preparados, em certo sentido, para por em risco o nível da produção — e os incentivos no setor privado — a fim de mitigar os sofrimentos do ciclo econômico; a fim de fortalecer a segurança social; a fim de redistribuir a renda; a fim de encurtar o dia de trabalho; e, dum modo geral, abrandar a aspereza de uma sociedade até então voltada sobretudo para obter o máximo de produção industrial e a difusão da tecnologia moderna.

A terceira direção possível, desvendada pela consecução da maturidade, foi a expansão dos níveis de consumo para além das necessidades fundamentais de alimentação, habitação e vestuário, não só para obter melhores alimentos, casas e roupas, senão também para chegar à órbita do consumo em massa de bens duráveis de consumo e serviços, que as economias amadurecidas do século XX podem proporcionar.

Cada sociedade que criou para si própria a possibilidade e a necessidade de optar entre aqueles objetivos — graças à consecução da maturidade tecnológica — chegou a um equilíbrio diferente, exclusivamente seu, pelo menos em grau. A exclusividade do equilíbrio foi determinada em cada caso pela geografia, pelo que possuía anteriormente como cultura, recursos e valores, e pela direção política que a dominou em vários intervalos após atingida a maturidade. Grande parte da História norte-americana e da Europa ocidental a partir de aproximadamente 1900, do Japão a partir de 1930, e mesmo da Rússia a partir da morte de Stalin, pode ser descrita em função do problema de opção proposto pela consecução da maturidade e dos diferentes equilíbrios alcançados entre três objetivos, em diferentes épocas.

Como os Estados Unidos foram a primeira das sociedades do mundo a passar nitidamente da maturidade para a era do con-

sumo em massa, principiaremos examinando sucinta e esquematicamente como se realizou o equilíbrio entre essas três alternativas, na História norte-americana do último meio século. Apreciaremos essa seqüência em quatro fases: o período progressista, a década de 1920, a grande depressão da década de 1930 e o surto do pós-guerra de 1946-56.

### O Caso Norte-Americano

#### PRIMEIRA FASE: O PERÍODO PROGRESSISTA, 1901-16

Antes de mais nada, diremos algumas palavras a respeito do período progressista; isto é, o período que vai, aproximadamente, da ascensão de Theodore Roosevelt em 1901 até o abismar-se da administração de Woodrow Wilson nos problemas da Primeira Guerra Mundial.

Conquanto McKinley houvesse vencido com facilidade a eleição de 1900, com uma atitude que levava em conta a sucessão de governos republicanos que tinham dominado a marcha para a maturidade após a Guerra Civil, a vida norte-americana em um sentido amplo se estivera preparando ativamente para uma alteração do equilíbrio de seus objetivos. Isso foi denunciado pela popularidade de estilo e da retórica de Theodore Roosevelt, bem como pela nítida derrota bipartidária de Taft, e de tudo que êle aparentemente representava, na eleição de 1912.

Os objetivos progressistas alcançaram, então, quinze anos de superioridade relativa na política interna, e nesta deixaram sua marca. Em 1916, os Estados Unidos haviam aceitado a mais revolucionária de todas as formas de política econômica, o imposto progressivo sobre a renda; tinham criado um clima em que as grandes empresas se submetiam ou até certo ponto foram submetidas; aos sindicatos foi concedido explicitamente o direito de organizarem-se, fora dos limites da Lei Antitruste; foi criado um Sistema de Reserva Federal, em parte para permitir ao governo certo grau de controle sobre o ciclo econômico. Em alguns dos estados, foram introduzidas medidas de controle social ainda mais rigorosas. Todavia, o período progressista foi mais uma questão de estado de ânimo e de orientação do que de redistribuição drástica dos recursos.

Nesses anos, os norte-americanos tomaram outra decisão expressiva acerca da direção dos assuntos nacionais. Na década de 1890, tornara-se comum a noção de que os Estados Unidos se haviam, em certo sentido, convertido em uma potência mundial adulta, e que chegara a hora de desempenharem papel relevante no cenário mundial, saindo de trás da barreira protetora da Doutrina de Monroe e do acordo implícito com a Grã-Bretanha, pelo qual a esquadra britânica defendia os Estados Unidos das vicissitudes do jôgo de equilíbrio de forças eurásico. E Theodore Roosevelt, arquiteto da conquista das Filipinas e da Guerra Hispano-Americana, acentuou este sentimento de eclosão e, até certo ponto, de afirmação, na cena mundial, durante seus dois períodos de governo.

Sem embargo, as chamadas "vistas largas", simbolizadas por Theodore Roosevelt, não subsistiram. As Filipinas foram conservadas, mas os norte-americanos, havendo sido tentados, e tendo chegado a cair um pouco daquilo que concebiam como sendo o estado de graça isolacionista, no fim deram as costas à formação de um império. Em política exterior, optaram por uma versão da tradição liberal em vez da conservadora, da Grã-Bretanha, no período progressista — bem explicitamente na figura de Wilson.

Os recursos norte-americanos, pois, não foram canalizados em volume sensivelmente maior, nem para serviços de assistência social nem para gastos militares, malgrado os fatos concretos da legislação progressista, da Grande Esquadra Branca e do crescente papel do governo na sociedade americana.

Êles foram, contudo, bem aumentados na terceira alternativa de pós-maturidade — a de novas dimensões do consumo: uma tendência sufocada pela elevação do custo de vida urbano até 1920, mas palpável na seguinte grande fase, isto é, no surto da década de 1920.

#### SEGUNDA FASE: A DÉCADA DE 1920

A década de 1920 nos Estados Unidos geralmente é estudada como um período de isolamento trágico, como o prelúdio de uma grave depressão, ou como uma bizarra era de orgias alcoólicas, *jazz*, *mah jong*, atletas fascinantes, eminentes romancistas e o *charleston*.

Essa década, porém, também deve ser compreendida como o primeiro período prolongado em que uma sociedade absorveu os frutos e as conseqüências da era de bens duráveis de consumo e serviços.

Examinemos, agora, alguns números que dão uma idéia da natureza da alteração ocorrida na sociedade norte-americana, e em sua economia, no decurso dessa era de consumo em massa cujo centro foi aquele decênio iniciado em 1920.

Primeiro, houve o nascimento de uma nova classe média. Entre 1900 e 1940, o número de agricultores dos Estados Unidos declinou. Já o dos empregados em manufatura, construção e transportes — inclusive operários especializados — subiu proporcionalmente ao aumento total da força de trabalho. Mas os operários semi-especializados aumentaram mais de duas vezes que esse total; os de profissões liberais e empregados de escritório, mais de três vezes. A era do técnico profissional e do operário especializado e semi-especializado chegara; essa tendência da estrutura da força de trabalho se mostrou praticamente universal em todas as sociedades adultas.

Ora, onde vive toda essa população, orientada cada vez mais no sentido de suprir e desfrutar produtos e serviços de consumo? A resposta está em que essa população não só é cada vez mais urbana, como cada vez mais suburbana. Na década de 1920, a população norte-americana total cresceu 16%; a que vivia nos centros das cidades, 22%, e a que vivia nas áreas satélites — os subúrbios — 44%.

Que sucedeu, então, com a produção de artigos manufaturados? Fabricant<sup>1</sup> dispôs os aumentos do volume físico da produção dos Estados Unidos entre 1899 e 1937 em ordem crescente. Os automóveis encabeçam a lista com um aumento de 180.100%; cigarros, petróleo, leite e açúcar de beterraba estão todos acima de 1.000%; cimento, frutas e vegetais em conserva, pouco abaixo de 1.000%.

Qual o significado de tudo isso? Os Estados Unidos motorizaram-se. Esta foi verdadeiramente a era do automóvel para

<sup>1</sup> S. Fabricant, *The Output of Manufacturing Industries, 1899-1937* (Nova York, 1940), pág. 89.

as massas. Com o automóvel, os Estados Unidos iniciaram uma vasta migração interna para casas recém-construídas, destinadas a uma só família, nos subúrbios; essas novas casas, então, foram sendo cada vez mais recheadas com refrigeradores, rádios e todos os demais utensílios domésticos de uma sociedade cuja mobilidade social e produtividade haviam quase aniquilado os empregados domésticos. Dentro dessas casas, os norte-americanos passaram a consumir alimentos de qualidade superior, cada vez mais adquiridos em conserva, e, posteriormente, congelados.

Automóveis, casas de moradia familiar, estradas, utensílios domésticos duráveis, grandes mercados para alimentos de qualidade superior — tudo isso encerra boa parte da transformação da sociedade norte-americana do decênio de 1920, uma transformação que sustentou o surto dessa década e alterou todo o estilo de vida de um continente, penetrando até nos costumes do namoro.

#### TERCEIRA FASE: A GRANDE DEPRESSÃO

Em seguida veio, como era natural, um decênio de severa e prolongada depressão. Não apreciaremos minuciosamente aqui as razões para sua extraordinária gravidade, limitando-nos a afirmar isto: no princípio, a depressão de 1929 foi uma decaída cíclica perfeitamente normal; os setores líderes do surto de progresso estavam ficando um tanto frágeis, notadamente o de habitação, estimulado pelo atraso da construção de casas acumulado durante a Primeira Guerra Mundial, mas mitigado pela desaceleração no crescimento demográfico e na constituição de famílias. A depressão aprofundou-se anormalmente porque as instituições de crédito, nacionais e estrangeiras, quebraram, como uma série de casas desabando, afundando o ciclo a cada passo para um ponto mais baixo, por intermédio de seus efeitos sobre a renda, a confiança e as expectativas.

A duração da depressão dos Estados Unidos — em contraste com sua profundidade — merece maiores comentários, porquanto se relaciona diretamente com a etapa de desenvolvimento, com a era do consumo em massa, em que o país ingressara.

Apesar de muitas forças ancilares terem contribuído com sua parte, a razão central para a resistência da depressão norte-ameri-

cana, que ainda deixou 17% de desempregados às vésperas da Primeira Guerra Mundial, foi que os setores líderes dessa fase do desenvolvimento americano exigiam pleno emprego e um ambiente de confiança antes que pudessem ser novamente ativados.

Quais foram esses setores líderes na era norte-americana do consumo em massa? Foram, uma vez mais, o automóvel, a construção de residências suburbanas, a construção de estradas, e a difusão progressiva do automóvel e de outros bens duráveis de consumo a um número cada vez maior de famílias. Quando, em fases históricas anteriores, o impulso do crescimento dependia do prolongamento contínuo das estradas de ferro ou da introdução de outros processos industriais capazes de reduzir os custos de produção — do lado da oferta — o investimento podia ser considerado lucrativo com níveis relativamente baixos de procura dos consumidores no momento. Porém, quando o investimento passa a centralizar-se em torno de indústrias e serviços baseados no consumo em expansão, faz-se mister o pleno emprego, em certo sentido, para sustentar o pleno emprego. Pois, a menos que os níveis de consumo forcem o movimento, a capacidade das indústrias de bens de consumo e das que as suprem de matérias-primas não será totalmente utilizada, fazendo com que enfraqueça o ímpeto do investimento. Os horizontes da indústria norte-americana baixaram radicalmente na década de 1930, parecendo quase estabilizarem-se num nível baixo.

Quando, no século XIX, o aço ia sobretudo para as ferrovias ou para os novos navios metálicos, a procura de aço era um reflexo daquilo que alguns economistas gostam de chamar investimento exógeno; na era do consumo em massa, quando a procura de aço é, digamos, oriunda dos fabricantes de automóveis e de indústrias de conservas, essa procura se torna um reflexo do investimento endógeno — do aumento de renda, do acelerador, poder-se-ia dizer.

Sob esse ponto de vista, a Segunda Guerra Mundial foi uma espécie de *deus ex machina* que levou os Estados Unidos de volta à situação de pleno emprego; no contexto do mundo de pós-guerra — seus dispositivos institucionais drasticamente alterados pelo *New Deal* e por legislação como a que foi elaborada para dar moradia aos ex-combatentes — os Estados Unidos prosseguiram para rematar a revolução de bens duráveis de consumo em uma

década em que foi crônica a existência do pleno emprego, entre, digamos, 1946 e 1956.

Durante a depressão, a sociedade norte-americana fez mais, está claro, do que experimentar simplesmente uma depressão. Quando enguiçou o motor do crescimento baseado em automóveis, habitações suburbanas e bens duráveis de consumo, os Estados Unidos lançaram seu peso na direção de uma alternativa de pós-maturidade, isto é, de aumentar as cotas atribuídas à assistência social. E os contornos do Estado do Bem-Estar foram traçados sob o governo de Franklin Roosevelt, para tornarem-se parte consagrada do panorama norte-americano até hoje.

#### QUARTA FASE: A PROSPERIDADE DO PÓS-GUERRA

A quarta fase — a grande prosperidade do pós-guerra, de 1946-56 — pode ser olhada como uma retomada do surto da década de 1920. A marcha para os subúrbios prosseguiu após uma desaceleração acentuada na década de 1930. Em 1948, 54% das famílias norte-americanas possuíam seus carros próprios; dez anos depois, 73%. Em 1946, 69% das casas com instalação elétrica tinham refrigeradores elétricos; dez anos depois, esse número era de 96%, e os dados para outros utensílios elétricos — por exemplo, o aspirador de pó e a máquina de lavar roupa — eram similares. A televisão estava instalada em 86% dessas casas em 1956.

E embora o congelador e o ar condicionado ainda estejam começando a firmar-se nas residências norte-americanas, está claro que o desenvolvimento do país não pode continuar a basear-se tão ponderavelmente na propagação a uma proporção crescente da comunidade da casa suburbana, do automóvel e da mescla padronizada de engenhocas elétricas. Em alguns casos, o volume da produção começou a decair flagrantemente antes da recente recessão em que a indústria automobilística, possuída pelo *hybris* em seus últimos modelos, excedeu-se e viu-se forçada a verificar que todas as curvas de crescimento setorial estão sujeitas a uma desaceleração a longo prazo.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Esta transição, diga-se de passagem, apresenta um problema interessante para os Estados Unidos, pois ocorre exatamente numa ocasião em que a Europa ocidental, o Japão e — um pouco mais para trás — a

## QUINTA FASE: E AGORA PARA ONDE?

Que nos reserva, então, o futuro? Será que os norte-americanos, tendo erigido esta civilização suburbana e móvel, irão agora parar para arrumá-la um pouco e fruir os benefícios da abundância? Estará prestes a surgir a semana de quatro dias úteis e três de folga? Alguns acham que sim, e é ainda cedo demais para rejeitar dogmaticamente tal opinião.

Está claro, no entanto, que algo de novo e importante se deu na sociedade norte-americana, à medida que a era dos bens duráveis de consumo se adiantou para sua conclusão lógica; este processo, uma vez mais, obedece à dinâmica dos Buddenbrooks. Quando a revolução dos bens duráveis de consumo avançava para um ponto em que o ritmo da difusão tinha de esmorecer um pouco, a sociedade norte-americana tomou uma decisão das mais extraordinárias e inesperadas: os americanos agiram como se preferissem mais um filho a mais uma unidade de consumo.

Durante os anos de guerra, a taxa de natalidade subiu de 18 para cerca de 22 por 1.000. Na ocasião, isso foi considerado — em grande parte o foi — um fenômeno do retorno ao pleno emprego e dos casamentos precoces de tempo de guerra. Nos anos do pós-guerra, entretanto, o nível de nascimento elevou-se e permaneceu uns 25 por 1.000, produzindo um crescimento demográfico, bem como variações na estrutura da população por grupos de idades e no ritmo de formação das famílias, da máxima significação econômica. Uma previsão oficial da população norte-americana feita em 1946 estimou que ela atingiria 165 milhões em 1990; esse número, na realidade, foi ultrapassado dentro de um decênio. No momento atual, a população norte-americana está crescendo à razão de mais de 1,5% *per annum* e prevê-se que chegará a uns 240 milhões em 1980.

Rússia, estão entrando numa etapa de rápido crescimento em matéria de bens duráveis de consumo. Parte importante da superioridade americana em exportação nos últimos tempos baseou-se em sua situação pioneira nestes artigos de engenharia leve. Agora, eles estão sendo produzidos em massa eficientemente em muitos países, onde prevalecem salários mais baixos. Será que Detroit está repetindo uma nova versão do que os fabricantes britânicos de algodão e de ferro para trilhos sofreram no passado distante?

Esta reimposição do malthusianismo na sociedade norte-americana, com todas as suas conseqüências, combinada com outras circunstâncias — notadamente o *deficit* acumulado de capital social fixo e o custo da corrida armamentista, caso venham a continuar — provavelmente farão a próxima década da História norte-americana caracterizar-se pela expansão vigorosa do volume da produção, matizada por austeridade no plano do consumo particular.

Para tornar mais concreta esta noção da tensão sobre o consumo particular, considere-se uma estimativa da "razão de dependência" recentemente calculada em um estudo da população norte-americana por Conrad e Irene Taeuber.<sup>3</sup> Trata-se de uma medida da razão entre a população que efetivamente trabalha e a que se acha fora dos limites da idade de trabalho — nos Estados Unidos, abaixo de 20 e acima de 65. É calculada sob a forma de número de dependentes sustentados por 100 homens da força de trabalho. Historicamente, essa relação vem caindo, isto é, cada membro da força de trabalho tem tido de sustentar um número progressivamente menor de não-trabalhadores. Em 1915 era 84; em 1935 baixou para 74; em 1955 subira para 81; na base da atual estrutura demográfica a natalidade deverá ser da ordem de 98 em 1975.

Resumindo, por sua própria escolha, a sociedade norte-americana de 1959 não é tão opulenta quanto parece. Ainda é demasiado cedo para a semana de quatro dias e para tolerar-se níveis apreciáveis de desemprego, caso os benefícios de desemprego sejam bastante grandes — consoante o Professor Galbraith aconselhou. Uma sociedade como a dos Estados Unidos, estruturalmente votada a um estilo de vida de grande consumo; a manter as regras do decoro que acompanham um adequado capital social fixo; votada, por seus próprios interesses e pelos que dela dependem ou a ela estão aliados, a lidar com um ambiente mundial traiçoeiro e extremamente dispendioso; votada, ademais, por força de sua própria dinâmica interna, a uma população rapidamente crescente e a uma força de trabalho que tem de sustentar gente mais velha e mais jovem... uma sociedade assim tem de

<sup>3</sup> C. Taeuber e I. B. Taeuber, *The Changing Population of the United States* (Nova York, 1958), págs. 325.

utilizar seus recursos plena, produtiva e sensatamente. O problema de opção e de repartição — o problema da escassez — ainda não foi afastado dela.

### *A Pós-Maturidade em Outros Lugares*

Surge agora a pergunta: por que a Europa ocidental, que também alcançara a maturidade quando da Primeira Guerra Mundial, não fez companhia aos Estados Unidos na era de consumo em massa da década de 1920? Ou, por outras palavras, qual foi a sucessão de opções feitas pela Europa ocidental em sua fase pós-maturidade, entre as alternativas possíveis?

#### ANTES DE 1914

Antes de 1914, à medida que aumentavam as pressões para compensar e amenizar os sofrimentos causados por uma sociedade industrializada, as sociedades da Europa ocidental se encaminharam mais pronunciadamente que os Estados Unidos para o Estado do Bem-Estar. Isso se deveu, provavelmente, ao fato de seu equilíbrio político ser menos agrário; contudo, houve igualmente outros elementos, particularmente o maior peso das doutrinas e ideais socialistas entre os operários e os líderes intelectuais. O governo foi solicitado a fornecer uma proporção maior do consumo total do que nos Estados Unidos. Como indicam as recentes comparações entre os países da Organização para a Cooperação Econômica da Europa e os Estados Unidos, dirigidas por Milton Gilbert, a Europa ocidental continuou até 1955 a esperar do Estado uma proporção mais elevada do consumo (exceto despesas com a defesa nacional) do que os Estados Unidos.<sup>4</sup> O aumento do consumo urbano na Europa ocidental esteve também, como nos Estados Unidos, sujeito a severa restrição na década pré-1914, devido à ascensão do custo de vida.<sup>5</sup> E, até

<sup>4</sup> Milton Gilbert *et. al.*, *Comparative National Products and Price Levels* (O. E. E. C., Paris, 1958), especialmente Quadro 28, pág. 82.

<sup>5</sup> Ver, em particular, A. R. Prest, *Consumer's Expenditure in the United Kingdom, 1900-1918* (Cambridge, 1954), págs. 5-10.

certo ponto, movimentos como a Reforma Liberal de Lloyd George devem ser interpretados em parte como um apelo à política, procurando compensar com votos a repartição não-equitativa que faz o mercado, tanto quanto o *New Deal* foi a reação de uma sociedade frustrada pelo desemprego grave e crônico.

#### A DÉCADA DE 1920

Que se dirá da década de 1920 na Europa ocidental?

Nos anos imediatamente após a guerra, a Europa ocidental se defrontou, evidentemente, com problemas mais graves de reconstrução e problemas mais difíceis de reajustamento do que os Estados Unidos. A Europa ocidental não prosseguiu diretamente para a era de bens duráveis de consumo como sucedeu com os Estados Unidos.

Nisto, a história das economias nacionais européias diverge bastante. O que podemos dizer, em geral, é que na década de 1920 houve, para a maior parte da Europa, somente quatro anos de prosperidade relativamente normal, 1925-9, e que estes apenas levaram a Europa ocidental de volta a algo semelhante — ou ligeiramente acima — aos níveis de volume de produção de 1913. Enquanto o crescimento norte-americano continuava, reerguido pela nova fase de habitações suburbanas, o automóvel e os bens duráveis de consumo, a Europa retrocedeu relativamente naquele decênio. Se a presente análise está certa, a razão foi que as sociedades européias, no sentido mais lato, deixaram de prosseguir para o que é logicamente — em termos das elasticidades-renda aparentes da procura de uma economia livre — a etapa normal de desenvolvimento após a maturidade.

#### A DÉCADA DE 1930

A história da década de 1930 tende a confirmar esta hipótese, até certo ponto. Deixando de lado o rearmamento, foi a construção de habitações e certa aceleração nos setores automobilístico e de bens duráveis de consumo que ajudaram a criar uma prosperidade limitada da Europa ocidental nessa década. Ou, por outras palavras, quando as diretrizes dos governos europeus co-

meçaram a gerar um ambiente de maior prosperidade nesse decênio, as elasticidades-renda da procura se expressaram através de um aumento desproporcionado na procura de bens duráveis de consumo e de serviços — inclusive habitações.

Considere-se, por um instante, a produção relativa de veículos motorizados, particulares e comerciais, entre 1929 e 1938 na Europa ocidental e nos Estados Unidos. Svennilson calcula que as quatro principais nações européias produziram 702.000 veículos destes em 1929, ao passo que os Estados Unidos produziram 5,4 milhões naquele ano. Após uma década de prolongada depressão nos Estados Unidos e um grau bastante maior de recuperação européia, os dados para 1938 eram assaz diferentes. Para a Europa, 1,1 milhão; para os Estados Unidos, 2,5 milhões. O hiato foi reduzido de um dado europeu igual a 13% do norte-americano em 1929, para um igual a 44% nas vésperas da Segunda Guerra Mundial.<sup>6</sup>

Diversos fatores técnicos e geográficos respondem pela motorização mais lenta, relativamente, da Europa: o vasto capital necessário à construção de rodovias; o poderio monopolista das ferrovias e dos governos que as apoiavam; o início prematuro dos Estados Unidos na concepção do automóvel produzido em massa para um mercado de massas; as maiores distâncias nos Estados Unidos e a maior disponibilidade de terra suburbana barata para a construção de habitações. Contudo, deve-se acrescentar finalmente que a sociedade norte-americana, com seus preconceitos igualitários, seus tradicionais salários altos e padrão de vida elevado dos operários, aceitou mais facilmente a concepção de consumo em massa do que o fizeram as sociedades mais hierarquizadas da Europa. Levou mais tempo para o operário europeu aceitar a idéia de que as engenhocas da era da máquina, viagens e outros serviços que uma economia adulta pode-se dar ao luxo de desfrutar, são realmente para ele e para sua família. E este fato auxilia, em parte, a explicar a relativa estagnação da economia européia durante o intervalo entre as duas guerras.

Está claro, porém, que outro fator também auxiliou a determinar esses resultados. A grande depressão após 1929 rompeu

<sup>6</sup> Ingvar Svennilson, *Growth and Stagnation in the European Economy* (U. N., E. C. E., Genebra, 1954), págs. 144-52.

o domínio de uma geração de chefes políticos em quase todas as sociedades adultas, cuja atitude fora dominada por um desejo de recriar um certo tipo de normalidade anterior a 1914. Nos Estados Unidos, a depressão levou ao poder uma oposição que instaurou uma versão norte-americana do Estado do Bem-Estar. Na Grã-Bretanha, ela conduziu a um Governo Nacional e, a seguir, conservador, que desenvolveu certa prosperidade através da construção civil, desvalorização da moeda e Preferência aos Produtos do Império; na França, a um governo de Frente Popular. Mas, na Alemanha e no Japão, o colapso — econômico, diplomático, militar e psicológico — do sistema implícito do tratado de Versalhes resultou em regimes que optaram por uma utilização bastante diferente das potencialidades das economias adultas: a expansão militar. E, uma vez Hitler e os militares japoneses instalados no poder, a arena da competição pelo poder impôs um conjunto assaz diverso de imperativos a todas as outras sociedades. A curto prazo, o rearmamento se tornou um fator na recuperação européia da década de 1930, desviando recursos da ampliação do consumo em massa e num prazo não tão longo sobreveio uma guerra de grandes proporções.

#### APÓS 1945

Nos anos do pós-guerra, seguiu-se um intervalo de reconstrução. Desta vez, porém, na Europa ocidental despontou a fase de bens duráveis de consumo e serviços. Enquanto os Estados Unidos impeliavam a era do grande consumo para uma conclusão lógica e principiavam a alterar seus contornos dando preferência a famílias maiores, a Europa ocidental e o Japão começaram a disseminar por suas populações, em graus variáveis, os tipos de bens e serviços que um sistema industrial amadurecido pode proporcionar. Entre 1950 e 1955, a distância entre as despesas proporcionais dos norte-americanos e europeus ocidentais com bens duráveis de consumo começou a encolher, e o estudo de Gilbert mostra que nos anos de pós-guerra as diferenças em despesas de consumo entre os Estados Unidos e a Europa ocidental, assim como entre os países desta última, podem ser quase que inteiramente explicadas em função de rendas e preços relati-

vos. Míngua consideravelmente a área a ser explicada pelo que os economistas chamam de “diferenças de gosto”.

Todas as sociedades adultas de pós-guerra do Ocidente e do Japão estão-se comportando de uma maneira singularmente norte-americana, exceto os norte-americanos com sua curiosa e nova obsessão com a vida de família, de viver retirado, do “faça você mesmo”, das excursões em casas-reboque e em lanchas, e a moda de escrever impiedosamente contra o Homem das Organizações.

O nível da renda real e do consumidor *per capita* no Japão é, está claro, mais baixo que na maioria dos países da Europa ocidental. Não obstante, o extraordinário incremento da indústria terciária no pós-guerra e as provas de uma disseminação dos bens de consumo e serviços em escala inédita alvitram que, com modificações apropriadas, os japoneses também estejam experimentando uma onda típica de crescimento pós-maturidade, baseada em boa parte nos níveis crescentes de consumo em massa.<sup>7</sup> A Europa ocidental e o Japão entraram, pois — à moda respectiva de cada um — sem restrições, na década de 1920 dos norte-americanos: sem, todavia, a aberração peculiarmente americana da Proibição.

Importa deixar claro que para a Europa ocidental essa transferência de setores líderes para as áreas do consumo em massa não é um acontecimento estritamente do pós-guerra. A Grande Estrada do Oeste, o surto de Coventry e as fábricas Morris em Oxford são fenômenos anteriores: quanto ao Volkswagen — como concepção — é um produto da Alemanha de Hitler e de pressões por um gênero de consumo a que o governo alemão dos últimos anos da década de 1930 sentiu necessário atender, nem que fosse ao menos por demagogia. Contudo, foi só nos anos do pós-guerra que os obstáculos — técnicos, políticos e sociológicos — foram removidos. Não há dúvida que o ímpeto das economias da Europa ocidental após a guerra tem de ser explicado substancialmente para uma valorização súbita e generalizada dos bens e serviços de consumo: a aceitação e absorção da era do consumo em massa.

<sup>7</sup> Ver especialmente K. Ohkawa, *The Growth Rate of the Japanese Economy since 1878*, págs. 231-43.

### *As Relações de Troca Depois de Duas Guerras*

Há ainda, todavia, outro problema a ser explicado. Ao considerar os Estados Unidos da década de 1930, lembramo-nos que foi dado realce ao papel do pleno emprego como uma força inicial — quase que uma condição prévia indispensável — para por em movimento o mecanismo da difusão. A máxima dominante era, *grosso modo*, que para o grande consumo servir como setor líder era mister conseguir-se o pleno emprego, de forma que a pressão para expandir o investimento nos setores de consumo se pudesse fazer sentir.

Deve-se explicar como é que as sociedades da Europa ocidental encontraram tanto dificuldade para dar emprego a todos após a Primeira Guerra Mundial e por que isso foi relativamente tão fácil depois da Segunda.

Sem faltar ao respeito à Revolução Keynesiana, o refluxo na política democrática com relação ao pleno emprego não é explicação suficiente, pois embora os políticos viessem a ser inexoravelmente premidos a criar condições para acabar com o desemprego, caso este demonstrasse ser o principal problema após 1945 — essa não foi a situação existente até 1956. Seu dilema girava em torno da inflação e das dificuldades com o balanço de pagamentos. Seu problema central foi o de mobilizar recursos bastantes para outras finalidades essenciais — política militar e exterior, exportações e investimento — em face de um impulso poderoso para ampliar a área e a escala do consumo em massa.

Em grande parte, a razão desse resultado está numa diferença radical entre o mundo após 1920 e o após 1945. Em 1920, os preços dos gêneros alimentícios e matérias-primas sofreram uma baixa repentina com relação aos produtos industriais, contribuindo para condições de comércio extremamente favoráveis para as áreas urbanas do mundo, mas enfraquecendo a procura rural de produtos manufaturados. Por isso, os mercados exportadores da Europa sofreram.<sup>8</sup> Na Grã-Bretanha, e em menos grau alhures,

<sup>8</sup> A Grã-Bretanha e outros grandes exportadores, para regiões produtoras de gêneros alimentícios e de matérias-primas, experimentaram uma versão mitigada das condições do dilema comercial em 1958-59. No mun-



as vantagens das relações de troca favoráveis foram grandemente dissipadas, nos anos que mediaram entre as guerras, sob a forma de desemprego crônico nos setores de exportação e nas indústrias que dependiam destes, como a carbonífera. Durante um decênio, após a Segunda Guerra Mundial, a situação foi justamente a oposta. As cidades — e nações como a Grã-Bretanha — foram severamente acossadas pelas relações de troca desfavoráveis, mas a procura de exportações era grande, sendo facilmente conseguido o pleno emprego. E se acrescentarmos ao pleno emprego crônico as mudanças estruturais, como o estímulo da Segunda Guerra Mundial às indústrias de engenharia leve — que podiam ser facilmente convertidas em muitas linhas de produção de bens duráveis de consumo e bens de capital, a determinação de tempo de guerra dos povos europeus a afirmarem-se política e socialmente, o efeito-demonstração dos pracinhas norte-americanos fumando charutos e distribuindo as dádivas dos armazéns às mocinhas da região, aí se encontra a base para a nova era da história econômica, social e política da Europa ocidental e do Japão, que podemos observar presentemente.

#### *Para Além do Consumo em Massa*

Agora, recuemos um pouco e busquemos uma perspectiva mais ampla.

A tese deste livro tem sido a de que, uma vez tendo o homem concebido seu meio físico como sendo sujeito a leis constantes e suscetíveis de serem conhecidas, passou a manipulá-lo em proveito próprio, sob o aspecto econômico; e, igualmente, uma vez demonstrado que era possível o crescimento, as conseqüências deste e da modernização, notadamente suas ilações militares, transtornaram uma sociedade tradicional após outra, impelindo-as até seu traiçoeiro período de precondições, de que muitas, mas não todas, já emergiram agora para o desenvolvimento autônomo por intermédio do mecanismo do arranco descrito no cap. IV.

do contemporâneo, sem embargo, as pressões para sustentar as rendas dos importadores de bens manufaturados — via exportações de capital — são imensamente mais poderosas que na década de 1920.

Este estado de coisas revolucionário não fixou um fim único de evolução a que toda sociedade se tenha conformado; porém, em cada etapa, estabeleceu uma série análoga de possibilidades de escolha para cada sociedade, reguladas pelos problemas e possibilidades do próprio processo de desenvolvimento.

Em capítulos sucessivos examinamos os problemas, possibilidades e escolhas do período das precondições, do arranco, da maturidade e da reta do consumo em massa.

Esta última de maneira alguma chegou ao fim, nem mesmo nos Estados Unidos, e continua adquirindo ímpeto em muitas partes da Europa ocidental assim como do Japão. Podemos estar certos de que serão variados os padrões de consumo que surgirão à medida que os juros compostos prosseguirem mourejando e as elasticidades-renda da procura, em sua mais ampla acepção, revelarem-se em diferentes sociedades. Por exemplo, não há necessidade para outras sociedades de investir tanto quanto os Estados Unidos no automóvel; de instalar seus subúrbios tão afastados dos centros das cidades; de impor-se a si mesmas os gêneros de problemas com que os Estados Unidos agora se defrontam na reconstrução de velhos centros urbanos, de construção de novas redes rodoviárias metropolitanas e continentais, e na obtenção de locais de estacionamento de carros. Com efeito, há sérias limitações geográficas e físicas para outras nações repetirem esses moldes, excetuando-se, talvez, a Rússia. Podemos confiar, contudo, que até o ponto em que a soberania do consumidor for respeitada e as rendas reais aumentarem, veremos elasticidades-renda de procura semelhantes — porém não idênticas — e, por conseguinte, configurações semelhantes de evolução estrutural nas diferentes sociedades, à proporção que elas atravessem a fase do consumo em massa.

Bem, deixemos de lado a corrida armamentista e a ameaça de guerra, e consideremos esta pergunta: e agora para onde? O que acontecerá às sociedades quando a renda proporcionar comida tão boa para praticamente toda gente ao ponto de provocar-se questões de saúde pública devido à própria fartura; quando o problema da habitação estiver de tal maneira resolvido que as pessoas não se sintam tentadas a esforçar-se muito para melhorá-lo; quando o vestuário fôr do mesmo modo adequado; quando uma Lambreta ou um Volkswagen estiver virtualmente ao alcance

de todos — se não forçosamente um monstruoso rabo-de-peixe norte-americano? Esta etapa ainda não foi completamente atingida; mas já o foi por bastantes norte-americanos e norte-europeus para por em evidência, como problema sério e significativo, a natureza da próxima etapa.

Afinal de contas, a vida da maioria dos seres humanos desde o começo dos tempos tem sido principalmente ocupada na obtenção de alimento, habitação e vestuário para si próprio e para suas famílias. O que acontecerá quando a dinâmica dos Buddenbrooks avançar mais um passo, estabelecendo-se a utilidade marginal relativamente decrescente para a própria renda real, alcançando as massas?

Será que o homem cairá em uma estagnação espiritual, não encontrando nenhuma aplicação digna para suas energias, talentos, e o instinto para atingir a imortalidade? Seguirá os norte-americanos, reinstaurando a vida árdua pelo aumento da taxa de natalidade? Arranjará o diabo serviço para ociosos? Aprenderão os homens a fazer guerras com a violência apenas suficiente para constituir um bom esporte — e apressar a depreciação dos capitais — sem fazer o planeta voar pelos ares? Será que a exploração do espaço exterior oferecerá uma válvula de escape interessante e dispendiosa para recursos e ambições? Ou será que o homem, convertido *en masse* numa versão suburbana de um nobre proprietário rural do século XVIII, encontrará em determinada mescla de caça, tiro e pesca, a vida para o corpo e o espírito, a par do drama mínimo de perpetuar a espécie, fronteiras suficientes para conservar o sabor da vida? (A propósito, duvidamos que metade da raça humana — isto é, as mulheres — reconhecerá a realidade do problema, pois que criar filhos em uma sociedade onde hajam praticamente desaparecido os empregados é um bocado de programa, com ou sem bens duráveis de consumo... O problema do tédio é um problema exclusivamente masculino, pelo menos até os filhos crescerem.)

Não obstante, eis uma pergunta assaz real. Salvador de Madariaga recentemente propôs a pergunta, ao escrever a respeito das democracias anglo-saxãs e escandinavas:<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Salvador de Madariaga, *Democracy versus Liberty?* (Londres, 1958), pág. 17.

Todos esses países desfrutam duas vantagens que lhes dão certo prestígio: o padrão de vida de suas populações é relativamente elevado e sua vida política não é perturbada por quaisquer incidentes sérios. Paz interna e prosperidade são benefícios tão patentes que outros povos, ao contemplá-los, poderão talvez deixar-se arrastar pela inveja e pela admiração, a ponto de não observarem certos aspectos que contrabalançam essa vida dos anglo-saxões e escandinavos.

O mais impressionante de todos eles é o tédio. Os povos bem governados e bem administrados morrem de tédio.

Não estamos preparados para aceitar integralmente esse modo de ver, mas ele ainda suscita a pergunta: será que a pobreza e a luta civil constituem condição necessária a uma vívida existência humana?

Retornaremos a este tema no capítulo final, ao comparar o nirvana marxista do comunismo com a nossa própria opinião acerca das conseqüências a longo prazo dos juros compostos. Não carecemos, todavia, de remoer demais isso. Por enquanto — para esta geração e possivelmente para a próxima — há uma dupla bem temível de feras soltas no caminho. Primeiramente, a existência de armas modernas de destruição em massa que, se não forem domadas e controladas, poderão solucionar este e todos os outros problemas da raça humana, de uma vez por todas. Em segundo lugar, o fato de que toda a metade austral do globo, mais a China, está envolvida ativamente na etapa das condições para o arranco ou no arranco propriamente dito. Ainda têm muito o que fazer, mas sua previsível maturidade suscita esta pergunta: será que veremos, daqui a pouco, uma nova sucessão de chefes políticos atizados à agressão por sua recém-adquirida maturidade técnica ou veremos uma reconciliação global da raça humana? Estes dois problemas — o da corrida armamentista e o das novas nações cheias de aspirações — intimamente relacionados no mundo da diplomacia contemporânea, apresentam, para as sociedades setentrionais tecnicamente mais amadurecidas, uma ordem do dia das mais trabalhosas, para o que, a despeito das doçuras dos bens duráveis de consumo dos serviços, e até mesmo das famílias maiores, devemos voltar nossa atenção se quisermos ter uma oportunidade de ver se poderá ser vencida a estagnação espiritual secular — ou o tédio.